



Rússia 1917: Literatura e Revolução

Russia 1917: Literature and Revolution

Alfredo Oscar Salum¹

Resumo: O presente artigo analisa o cenário histórico e literário russo entre o século XIX e o processo revolucionário em 1917. A literatura serviu como ponto de partida para abordar a sociedade russa, sua dinâmica e contradições dentro de um panorama de modernização capitalista em uma sociedade fortemente hierarquizada.

Palavras Chave: Revolução, Rússia e Literatura.

Abstract: This article analyzes the Russian historical and literary scenario between the nineteenth century and the revolutionary process in 1917. Literature served as a starting point to address Russian society, its dynamics and contradictions within a panorama of capitalist modernization in a strongly hierarchical society.

Keywords: Revolution, Russia and Literature.

Rússia Imperial e literatura

A Grande Guerra de 1914-1918 adentrava no penúltimo ano quando a Rússia foi palco de uma série de greves de operários, revoltas camponesas e deserções dos soldados que culminaram na abdicação do imperador Nicolau II em fevereiro de 1917. Era o início de um processo revolucionário aplaudido por jornais operários e pela imprensa burguesa no mundo, em que cada um a seu modo, saudava as mudanças que se avizinhavam.

Em 1825 já havia ocorrido na Rússia uma insurreição de caráter liberal promovida por um grupo de militares e aristocratas denominados como “Dezembristas” que aspiravam reformas políticas e econômicas. Suas principais lideranças foram exiladas e cinco executados, tornando-se mártires na luta contra o autoritarismo dos czares. Esse levante apontava que o descontentamento estava disseminado em várias classes sociais, servindo como alerta para a necessidade de mudanças.

As dificuldades do império russo foram agravadas quando ao avançar sua área de influência em direção ao Cáucaso e Balcãs enfrentou a oposição do Império Otomano, que amparado por britânicos e franceses na Guerra da Criméia (1853-1856) lhe impôs uma grave derrota. A insatisfação geral forçou o czar Alexandre II (1858-1881) a promover algumas reformas, que não foram suficientes para resolver os problemas estruturais.

¹ Doutor em História Social (USP), pesquisador do NEHO\USP e GEINT, professor de História Contemporânea na Universidade Nove de Julho e orientador de projetos pedagógicos na SEESP. Autor dos livros *Zé Carioca vai a Guerra* (Editora Pulsar); **Revolucionários ou tiranos?** Temas de História Contemporânea (Editora Todas as Musas) e **Corinthians e Palestra Itália:** Futebol em terras Bandeirantes (Editora Todas as Musas). Email: aosalum@uol.com.br

A maior parte da população russa no século XIX era formada por camponeses denominados como *mujiques*, termo que acabou também identificando sua situação miserável. A servidão foi abolida em 1861 com as reformas agrícolas, entretanto isso não representou nenhuma melhora substancial na qualidade de vida.

O escritor Anton Tchekhov descreveu o cenário penoso dessas populações no conto “Os mujiques”, onde ilustra o descontentamento social mesmo após as reformas empreendidas. Um dos personagens lamuriava que para sobreviver trabalhava em uma fábrica em troca de alguns *copeques* por semana, que mal dava para sustentar à família: “no tempo da servidão era melhor – disse o velho, enquanto enrolava a seda – o sujeito trabalhava, comia, dormia, tudo na sua hora. No almoço tinha sopa de repolho e mingau. Pepino e couve tinha à vontade”. (TCHEKHOV, 2002, p.121).

As figuras femininas também descarregam sua raiva e impotência frente a violência doméstica e o machismo inerente as sociedades patriarcais:

Mária contou que nunca estivera em Moscou e nem mesmo na sede de seu distrito natal; era analfabeta, não sabia nenhuma prece, nem sequer o “Pai Nosso”. Ela e a outra nora Fiokla, eram ignorantes (...) não gostavam de seus maridos; Mária tinha medo de Kiriak, chegava a tremer de pavor quando estava com ele e perto de seu marido, sempre se sentia desorientada, tão forte era o cheiro de vodka e de tabaco que ele exalava. (TCHEKHOV, 2002, p.102)

A distribuição de terras para os camponeses com a reforma agrária foi bastante tímida e beneficiou apenas uma pequena parcela, os *Kulaks*, que formavam um grupo social composto por médios proprietários. Os mais afortunados chegaram a se enriquecer negociando sua produção no mercado regional e utilizando o trabalho assalariado. Eram uma espécie de classe média no campo com um padrão de vida superior aos dos *mujiques*, conforme podemos visualizar na descrição feita por Leon Tolstói:

A casa onde Vassili Andréitch entrara era uma das mais ricas da aldeia. A família mantinha cinco lotes de terra e ainda alugava algumas por fora. Tinha seis cavalos, três vacas, dois bezerros e umas vinte ovelhas. O grupo familiar compunha-se de vinte e duas almas. Quatro filhos casados, seis netos. Dos quais só Petrushka era casado. Era uma das raras casas que se mantinha indivisa, mas nela também já se fermentava um surdo trabalho de discórdia, como sempre iniciado pelo mulherio, que em breve a levaria a uma separação de bens. ...além dele sentavam-se a mesa, o velho calvo de barba grisalho, o dono, de camisa branca de tecido rustico produzido em casa... (1994, p. 17)

As aldeias eram habitadas por um conjunto bastante heterogêneo, formada por pequenos comerciantes, artesãos, camponeses e trabalhadores sazonais. As constantes bebedeiras dos camponeses e suas canções tristes refletiam uma vida áspera e repleta de dissabores. Em “Senhor e servo” Leon Tolstói descreve o mujiqe Nikita como um trabalhador de cinquenta anos de idade conhecido por sua boa índole, destreza e operosidade, mas que tinha por defeito a fraqueza diante do vinho barato e vodka: “ele não parava em emprego algum, porque duas vezes por ano ou mais, caía na

bebedeira, perdendo tudo que tinha, até a roupa do corpo, e porque ainda por cima, ficava turbulento e brigão”. (1994, p.4)

O personagem central do conto “O tiro” de Aleksander Pushkin encontramos a descrição da vida de soldado, inebriada pelos arroubos da juventude em duelos e demonstrações inconsequentes de coragem que contrastava com seus temores mais íntimos, se transformar em um velho alcóolatra:

“...confesso, tinha medo de me transformar em um daqueles bêbedos amargurados (...) vi muitos exemplos disso em nosso conselho. Não havia vizinhos por perto a não ser dois ou três desses bêbedos amargurados, cuja conversa em grande parte consistia de soluços e suspiros” (PUSHKIN, 2003, p.29)

A camada aristocrática formava o grupo dominante e possuía vastas porções de terras, explorando o trabalhador rural e controlando a política local. A visita de um nobre a sua propriedade podia ser considerada um evento para aos aldeões em uma sociedade fortemente hierarquizada: “a condessa e seu marido chegariam para passar o verão na aldeia...a chegada de um vizinho rico é um acontecimento que seria lembrado por três anos nas rodas de conversa”. (PUSHKIN, 2003, p.24).

Típico de governos autoritários onde a população sofre todo tipo de humilhações, os desmandos e a corrupção foram temas recorrentes na literatura, inclusive em peças teatrais das quais se destacou “O inspetor geral” de Nicolai Gógol:

“...o inspetor vai querer inspecionar em primeiro lugar o hospital. De modo que não custa torna-lo um pouco mais decente. Fornecer roupas limpas aos doentes, trocar os gorros de dormir para que não fiquem parecendo limpadores de chaminé.....” (2010, p 6) ou “Governador: os comerciantes podem me causar algumas dificuldades. Dizem que eu lhes tiro muito dinheiro! E eu, só Deus sabe, que quando aceitava alguma coisa deles, era sem ódio ou maldade” (2001, p.11)

A efervescência social contribuiu para a disseminação de grupos ativistas formados por jovens estudantes e intelectuais, os mais radicais defendiam a ação terrorista contra as autoridades. Os movimentos mais conhecidos foram “Terra e Liberdade” e “Partido da Vontade do Povo”, cujo ápice foi o assassinato do czar Alexandre II em 1881 que acarretou a interrupção do processo reformista.

O sucessor Alexandre III (1845-1894) ampliou a repressão policial e adotou uma política reacionária que incluiu o controle sobre os conselhos municipais e dos camponeses, revisão do ensino popular mediante o Estatuto de 1884 que excluía professores liberais e estudantes suspeitos. Isso não desestimulou o espírito rebelde e em 1887, diversos estudantes foram presos por complô para regicídio. Houve desterros e execuções dos envolvidos, dentre eles Alexander Ulianov, cuja morte influenciou a vida de seu irmão mais jovem Wladimir Ulianov (Lênin) que se tornaria o principal expoente da Revolução de Outubro de 1917.

O terrorismo na Rússia recebia ampla divulgação na imprensa ocidental, assim, o jornalista estadunidense George Kenam viajou para o país no fim da década de 1880

no intuito de escrever sobre o tema. Ele visitou as prisões na Sibéria e acabou se deparando com outra realidade, já que a maioria dos apenados eram cidadãos comuns e sem qualquer atuação política. Propagou nos Estados Unidos e Inglaterra a situação que estavam submetidos milhares de pessoas: “para cada radical banido, milhares de criminosos comuns e suas famílias foram expulsos para a Sibéria, cuja maior parte era analfabeta e carente de recursos para descrever sua experiência para a posteridade”. (BEER. 2016. p30)

O exílio em locais inóspitos era aplicado também aos intelectuais, artistas, militantes políticos e aristocratas opositores ao governo, muitos eram acompanhados pelos familiares e conseguiam manter uma vida bastante modesta, mas podiam receber livros, escrever e trabalhar.

No entanto, para os mais pobres ou condenados por ações de terrorismo a situação era diferente. Trabalhos forçados e castigos corporais aos apenados era um fato natural, de acordo com Daniel Beer (2016) nos anos 1830 o imperador havia estipulado um número máximo de chicotadas aplicadas a um condenado. O senado também entrevistou, decidindo que um médico deveria acompanhar as punições para evitar fatalidades indesejáveis. Essa situação apenas reforçava a visão ocidental sobre o despotismo czarista².

Escritores russos também empreenderam viagens pelas regiões inóspitas onde se encontravam os desterrados, como Anton Tchekhov que descreveu a vida insalubre dos exilados, observando que as mulheres eram submetidas a diferentes tipos de humilhação, inclusive exploração sexual:

... as mulheres recém chegadas também são instaladas em um barracão especial. O administrador da região e o carcereiro chefe do povoado decidem juntos quais degredados e camponeses merecem receber uma mulher. Dão preferência aos que já se instalaram, aos que gostam da vida doméstica e tem bom comportamento. A esses poucos escolhidos é enviada uma ordem para que compareçam tal dia e tal hora ao posto, a prisão, para receber as mulheres. (2012, p.194)

Para Orlando Figes (2016) essa situação se contrastava com os anseios de modernidade, pois desde o século XVIII a Rússia pretendia abrir-se ao ocidente, nesse sentido, São Petersburgo era uma janela para a Europa, vista como modelo de civilização. Essa sedução sobre as elites era tamanha que muitos jovens eram educados em francês e alemão. Ele aponta que o escritor Ivan Turguêniev teve tutores franceses e alemães e só aprendeu a ler e escrever em russo devido um “valete” na casa paterna. Outros literatos como Leon Tolstói tiveram educação semelhante e havia aristocratas que não falavam com fluência o idioma de seus compatriotas.

O filósofo Marshall Berman (1989) comenta que em função do processo de industrialização principalmente nos grandes centros urbanos como Moscou e São

² Não podemos considerar que isso fosse uma exclusividade russa, afinal os governantes otomanos e chineses dispensavam tratamento semelhante aos seus súditos. O mesmo se procedia com os povos colonizados na África e Ásia ou com os escravos negros e indígenas nas Américas. Além disso, os trabalhadores e operários nos países ocidentais eram tratados como subversivos quando ousavam exigir melhores condições de vida.

Petersburgo se desenvolveu uma classe proprietária burguesa com inclinações liberais, mas muito frágil se comparada aos seus congêneres dos países desenvolvidos como Grã-Bretanha, Estados Unidos e França. Ao mesmo tempo, também surgiu a classe operária e em decorrência apareceram partidos e associações ligados aos trabalhadores assalariados.

Todo esse contexto foi abordado por diversos escritores russos e a literatura de ficção fornece certa noção sobre a dura realidade da população e as contradições de uma sociedade arcaica, cujo último imperador Nicolau II assumiu o trono em 1894. Dentre os principais intelectuais podemos destacar:

Aleksander Pushkin (1799-1837) é considerado o fundador da moderna literatura russa. Pertencia a uma família abastada e estudou nas melhores instituições, frequentando os círculos políticos e literários de vanguarda. Por suas ideias libertárias e um comportamento provocativo foi exilado para regiões distantes da capital. Suas principais obras foram “Evguênie Onéguin” que é uma sátira social e “Ruslan e Ludmilla” que retrata o folclore do país. Morreu em um duelo causado por implicações amorosas e pessoais.

Fiodor Dostoievski (1821-1881) foi crítico da opressão praticada pelo governo e por suas atividades políticas acabou condenado à morte em 1849. Entretanto, a pena foi comutada em exílio, trabalhos forçados na Sibéria e serviço militar obrigatório. Essas experiências influenciaram definitivamente suas obras, que estão repletas de rebeldia intelectual e engajamento social. A sua vivência no exílio foi descrita em “Recordações da casa dos mortos” em 1862. Posteriormente publicou seus livros mais afamados como “Crime e castigo” e “Os irmãos Karamazóvi”.

Ivan Turguêniev (1818-1883) escreveu “Pais e filhos” onde denunciou a tirania, popularizando o conceito de niilismo e o conflito entre gerações, exprimindo a revolta dos jovens contra a autoridade e a ordem estabelecida. Apesar de originário de uma família de “médios” proprietários de terra, defendeu o fim da servidão e da monarquia fato que lhe valeu a perseguição da polícia e uma breve passagem pela prisão na capital e exílio provincial. Acabou se radicando na Europa Ocidental onde passou a maior parte de sua vida e faleceu em Paris como um renomado escritor. Seus simpatizantes russos também defendiam reformas democráticas e o fim da servidão, usualmente eram estudantes universitários, inclusive jovens aristocratas. Durante o reinado de Alexandre II houve a diminuição da censura que possibilitou a publicação de obras contestadoras, das quais se inclui o movimento niilista.

Vsievolod Gárchin (1855-1888) autor de “O sinal” era filho de um oficial e seguindo a carreira do pai participou do conflito contra o Império Otomano (1877-1888). A vida no campo de batalha marcou suas obras com um aspecto social e humanista, apontando uma solidariedade para com o sofrimento do povo russo e a necessidade de reformas imediatas. Tomado por uma enfermidade emocional cometeu suicídio após uma crise nervosa.

Mikhail Liérmontov (1814-1841) era filho de militar reformado e em suas poesias se percebe o quanto na sua infância observou os costumes, a pobreza e o folclore no campo, pois passava parte de suas férias nas propriedades de sua avó. Ingressou na universidade de Moscou onde entrou em contato com as ideias libertárias. Por seus

poemas e peças provocativas como “O Fatalista” e “Um herói de nosso tempo” foi condenado a prisão e deportação para as montanhas do Cáucaso. Morreu em um duelo no auge de seu talento criativo.

Nicolai Gógol (1809-1852) nascido na Ucrânia em uma família de pequenos proprietários de terra teve uma infância marcada pela religiosidade materna. Escreveu “Almas mortas” uma novela de cunho nacionalista e “O inspetor geral” onde denunciou de forma satírica a corrupção na política russa. Viajou pelos países ocidentais e publicou diversos textos sobre o folclore ucraniano. Não teve atuação política direta e tornou-se adepto de tradições místicas e religiosas. É considerado um dos inovadores do teatro e prosa russa, com destaque para “O capote”.

Anton Tchekhov (1860-1904) apesar de sua origem camponesa (neto de um servo de gleba e filho de um pequeno comerciante arruinado) e uma infância marcada pela pobreza, conseguiu se tornar médico, escritor e dramaturgo. Dentre seus principais livros se destacam “A minha vida” e “Os camponeses” onde descreveu de forma crítica o cotidiano da população pobre do campo. Defendeu a reforma do sistema prisional e viajou para as regiões onde se encontravam as colônias penais, nas quais observou espancamentos, desvio de recursos pelas autoridades e abusos contra as mulheres. Sobre esses fatos escreveu diversas cartas para familiares e publicou a obra “Ilha de Sacalina”.

Leon Tolstói (1828-1910) era oriundo de uma família aristocrática e foi o intelectual russo mais prestigioso em sua época. Seus trabalhos principais foram “Anna Karenina” e “Guerra e Paz” que alcançaram grande êxito e são considerados clássicos da literatura mundial. Engajou no exército russo durante os conflitos na Criméia e Cáucaso, que marcou definitivamente sua percepção pacifista de mundo. Defendeu uma posição política anarquista com influência cristã, protestou contra a opressão do governo e a exploração sobre os mais pobres. Criou escolas para crianças camponesas e estimulou a renovação do espírito humano.

Os anarquistas Miguel Bakunin (1814-1876) e Piotr Kropotkin (1842-1921) assim como o socialista Georgi Plekhanov (1856-1918) estão entre os pioneiros da literatura política russa de caráter estritamente revolucionário. Eles influenciariam a formação de movimentos e partidos organizados semelhantes aos que se desenvolviam na Europa ocidental.

O filósofo e escritor Nicolai Tchernichevski (1828-1889) é considerado o herói dos jovens revolucionários da Rússia, sendo que seu romance “O que fazer?” é um libelo de exortação ao ardor rebelde. Foi preso e deportado para a Sibéria onde passou quase vinte anos, sofrendo diversos tipos de privação imposta pelo governo. Em companhia de outros intelectuais como Aleksandr Herzen (1812-1870), Nikolai Dobroliúbov (1836-1861) e Dmitri Píssarev (1840-1868) foi um dos principais articulistas da revista *Sovremennik* (O Contemporâneo) publicado entre 1836-1866. (SEGRILLO. 2010)

Nesse cenário literário cabe ressaltar o “socialista revolucionário” Máximo Gorki (1868-1936) nascido em uma família pobre numa pequena vila da Rússia. Os personagens de suas histórias eram usualmente indivíduos miseráveis e marginalizados. Sua infância foi retratada no livro autobiográfico “Ganhando meu pão”:

Em casa, tudo era inexplicavelmente estranho. O caminho da cozinha para a sala de jantar passava pela privada pequena e estreita, a única do apartamento; através dela, carregavam-se para a sala o samovar e a comida, isto dava lugar a engraçadas brincadeiras e frequentemente, fazia surgir equívocos ridículos. Era minha obrigação encher de água a caixa da privada, e eu dormia a sua porta, na cozinha, junto a passagem para entrada principal do apartamento: a cabeça recebia o calor do fogão, enquanto os pés acolhiam o vento da entrada; deitando-me para dormir, eu juntava todos os capachos, pondo-os sobre os pés. (GORKI, 1999, p.75)

O império russo era composto por várias nacionalidades que foram submetidas pelos czares ao longo dos séculos. Essa multiplicidade étnica e cultural era uma constante fonte de ameaça à integridade territorial, já que algumas regiões como Polônia, Ucrânia, Finlândia, Báltico e as províncias de maioria muçulmana aspiravam a independência. Estavam sempre sob a vigilância policial, sendo comum encontrar na produção cultural local um forte sentimento contra a dominação russa.

Em 1824 o poeta Adam Mickiewicz (1798-1855) e estudantes da universidade de Vilna foram presos por conspiração separatista. A luta pela independência da Polônia e Lituânia foi estimulada seis anos depois pela influência dos movimentos revolucionários na Europa Ocidental. Jovens oficiais poloneses iniciaram um levante que se transformou em um conflito de grandes proporções, mas que acabou derrotado. O músico erudito de origem polonesa Frédéric Chopin (1810-1849) que se encontrava exilado quando ocorreu a insurreição em Varsóvia, compôs obras em homenagem a causa nacional com destaque para “Estudo revolucionário” e “A heroica”.

Dentre as várias nacionalidades que faziam parte do império, algumas se celebrizaram pelos feitos militares como os cossacos e chechenos. Nikolai Gogol com “Taras Bulba” e Leon Tolstói em “Os cossacos” e “Hadji Murad” misturaram ficção e costumes sociais na descrição dessas comunidades. Em relação aos chechenos houve uma grande rebelião contra a ocupação da região pelos russos no século XIX, a luta foi encabeçada por um chefe tribal Khadji Murat que foi assassinado em 1852. Ele teria tido sua cabeça decepada e enviada ao imperador como troféu: “Sado sabia que ao ajudar Khadij Murat, estava arriscando sua vida, porque depois da briga daquele com Chamil, todos habitantes da tchetchênia tinham ordens de não o albergar sob pena de morte”. (TOLSTÓI, 2010, p.15)

Essa diversidade que apontava uma riqueza cultural, também era fonte para discriminação contra tártaros, muçulmanos, mongóis entre outros. Nesse sentido, cabe lembrar os “*pogroms*” que vitimavam centenas de judeus nas aldeias. Eles foram retratados por Sholom Aleichem (1859-1916) autor iídiche (língua falada pelos judeus do leste europeu) nascido na Ucrânia que escreveu muitos contos, dos quais se originou a peça “Um violinista no telhado” que foi encenada anos mais tarde nos Estados Unidos.

A naturalização da violência nos campos era disseminada entre as diversas classes sociais, tanto que alguns escritores afirmavam que as aldeias russas eram um mundo à parte, pois os camponeses podiam castigar com violência ou simplesmente ser indulgentes com criminosos, dependendo das relações de amizade. Sem uma

autoridade estatal que pudesse conter os ânimos populares, a aplicação da justiça ficava a cargo das lideranças aldeãs que obedeciam a seus costumes tradicionais:

Os camponeses em geral tinham uma atitude indulgente quanto a violência contra mulheres, membros de outras religiões ou estrangeiros. Incêndios propositais e assassinatos eram formas de vingança aprovadas pelas comunidades camponesas. Ignorando os estatutos legais do império, acabavam exilados na Sibéria por atos que tinham dificuldade de entender como crimes. (BEER, 2016, p 134.)

Entretanto, o próprio Estado também era promotor da violência, a qual pode ser observada no conto “Depois do baile” de Leon Tolstói que tem como enredo o flerte entre um jovem soldado e uma bela dama. O personagem central acaba se deparando com um drama comum naquele cenário, o castigo corporal em praça pública de um preso acusado de fuga:

- Que é que estão fazendo? perguntei para o ferreiro ao meu lado.
-Estão castigando um tártaro por tentativa de fuga. Respondeu o ferreiro com raiva, lançando um olhar para a ponta distante das fileiras.....
A coisa que se aproximava era um homem de torso desnudado, amarrado aos fuzis de dois soldados que o conduziam.....() contraindo o corpo inteiro, arrastando os pés pela neve derretida ...sob golpes que choviam sobre ele de todos os lados....a cada golpe do chicote que caía, ele arreganhava os dentes contraídos pelo sofrimento e repetia: Irmãos misericórdia.....misericórdia....Era uma coisa tão mosqueada, molhada, vermelha antinatural, que não conseguia acreditar que fosse um corpo humano. Sem parar (TOLSTÓI, 1988, p.77)

O reformismo foi retomado com Nicolau II (1894-1917) que aderiu ao processo de modernização econômica em sintonia com o capitalismo internacional, sem contudo abdicar do absolutismo que caracterizava o regime czarista. Apesar dos problemas, a Rússia se encaminhava para uma rápida modernização econômica com uma taxa de crescimento expressiva. Mas, uma nova derrota militar, colocaria em evidência suas fragilidades. A política imperialista na Ásia levou a um choque contra o Japão em 1904 que resultou em uma derrota humilhante. Esses fatores contribuíram para a explosão da revolta popular motivada pela carestia e que foi duramente reprimida com centenas de mortos.

O padre Georgy Gapon era o líder da Assembleia dos Trabalhadores Fabris em São Petersburgo que se dedicava a educação e organização trabalhista, por seu caráter moderado contava com a simpatia das autoridades. Frente a crise econômica os operários ligados a essa associação redigiram uma petição ao imperador, assim, junto com seus familiares realizaram uma passeata pacífica, solicitando acesso ao pão e direitos sociais. A resposta foi o massacre de centenas de civis, incluindo crianças e mulheres que ocasionou uma grande comoção social. Esse episódio denominado “Domingo Sangrento” foi o estopim da Revolução de 1905. Rapidamente, as greves se intensificaram e ocorreram diversos enfrentamentos armados, cujo auge foi a criação de conselhos representativos de trabalhadores denominados como sovietes (conselhos).

O revolucionário Leon Trótski que participou ativamente do soviete da cidade de São Petersburgo, deixou descrito sua experiência em vários artigos e livros:

Os acontecimentos de 1905 foram o prólogo das duas revoluções de 1917 – a de Fevereiro e Outubro. O prólogo já continha todo enredo do drama, que entretanto, ³ainda não estava terminado. A guerra russo-japonesa abalou o tzarismo. Utilizando o movimento de massas como alavanca, a burguesia liberal abalou a monarquia devido sua oposição. Os operários organizavam-se independente da burguesia, opondo-se a ela, em sovietes aparecido pela primeira vez. (1977, p.31)

Com um cenário bastante heterogêneo foi natural que alguns partidos políticos de diferentes matrizes ideológicas surgissem. O Partido Operário Social Democrata Russo (POSDR) era de origem marxista e seria o principal expoente na Revolução de Outubro em 1917. Fundado em fins do século XIX, ele sofreu uma divisão durante o congresso sobre a organização do partido em 1903, ocorrido na clandestinidade devido a perseguição policial. Os bolcheviques (majoritários) estavam sob a direção de Vladimir Ulianov (Lênin) e os mencheviques (minoritários) tinha em Julius Tsederbaum (Martov) seu principal representante. Ambos defendiam a superação do capitalismo, mas apresentavam propostas e métodos diferentes. Sobre a cisão entre majoritários e minoritários, Daniel Aarão Reis Filho explicou:

Os primeiros mais rigorosos do ponto de vista organizacional, argumentavam que as condições exigiam um partido de revolucionários profissionais, centralizados como num exército. Os segundos temendo que essa posição conduzisse a uma dinâmica fechada e sectária, pretendiam construir um partido nos padrões da social democracia europeia ocidental, mais aberto e flexível do ponto de vista organizacional. (REIS FILHO, 2017, p.42)

Havia outras entidades políticas com representatividade no cenário parlamentar ou na atuação direta, incluindo o terrorismo. Nesse aspecto os anarquistas tinham uma larga penetração em algumas regiões com ideais cooperativos e coletivistas, com forte repulsa por qualquer forma de controle estatal. Os Populistas ou *narodniks* (povo) eram conhecidos como socialistas agrários e de suas hostes surgiram outros grupos, como os Socialistas Revolucionários (SR) que tiveram grande importância na direção dos camponeses.

Com uma atitude moderada estava o Partido Trabalhista ou *trudoviks* ligados às massas médias camponesas e intelectuais urbanos. Defendia um projeto reformista, direitos trabalhistas e a estatização das terras, também eram chamados de socialistas populistas. Na esfera liberal se destacava os Constitucionais Democratas denominados como *Kadets* com ideais mais próximos da classe média urbana e burguesa. Criticavam o latifúndio e defendiam a distribuição de terras para ampliação do número de proprietários particulares. A União 17 de Outubro era ligada aos aristocratas e grandes capitalistas e a União do Povo Russo defendia o absolutismo, ambos apoiavam o imperador.

³ Rebatizada como Petrogrado em 1914 em virtude da Guerra Mundial, mudou de nome em 1924 para Leningrado. Com o fim da União Soviética em 1991 voltou ao nome original São Petersburgo

Dentre os desdobramentos frente às pressões sofridas, o czar Nicolau II reconheceu a necessidade da criação de um Parlamento (Duma), assinando “o Manifesto de Outubro” que garantia a liberdade de expressão e de organização, mas em pouco tempo, retomou sua postura autoritária, relegando-a como instrumento consultivo. Os atentados políticos e a conseqüente repressão se intensificaram e muitos opositores foram presos ou exilados. Eles voltariam para Rússia somente com o advento da Revolução de Fevereiro de 1917 quando o Governo Provisório adotou medidas democráticas e anistiou os presos políticos.

A Grande Guerra e as Revoluções de 1917

A Rússia para seu projeto de desenvolvimento industrial necessitou de investimentos de países da Europa Ocidental, especialmente França e Grã-Bretanha, que se refletiu na diplomacia externa. Por isso, assinou com essas nações um tratado denominado Tríplice Entente. Entretanto, outras potências também se articularam, formando a Tríplice Aliança (Alemanha, Itália e Áustria-Hungria). As rivalidades econômicas e políticas seriam responsáveis pela eclosão de um conflito com conseqüências nefastas: a Primeira Guerra Mundial.

Apesar de alguns êxitos militares iniciais em 1914, rapidamente as tropas alemãs e austríacas empurraram os russos para seu território. Nos anos seguintes os fracassos se sucederam, até que o czar Nicolau II resolveu assumir pessoalmente o comando das tropas, que foi um grande erro estratégico.

O escritor alemão Erich Maria Remarque em sua obra autobiográfica “Nada de novo no front” descreveu sua experiência com os prisioneiros russos, apresentando uma visão bastante realista:

É estranho ver esses nossos inimigos tão de perto. Tem rostos que nos fazem refletir: são rostos bonachões de bons camponeses (...) É gente para arar a terra...é triste ver seus movimentos e o modo como mendigam um pouco de comida. Estão todos um tanto enfraquecidos, porque receberam apenas o indispensável para não morrer de fome (...) eles tem disenteria, seus olhares são medrosos (REMARQUE, 1980, p 149)

A guerra foi uma catástrofe para o império russo, assim como outros monarcas, o czar olhava com certa ingenuidade para o evento que se avizinhava, acreditando que seria um conflito de proporções limitadas e de curta duração. Contudo, a cada ano que se passava milhares de jovens jaziam nas frentes de batalha. Os gastos militares se elevavam, a população começava a sentir as auguras da crise econômica e eclodiram motins entre os soldados. Os grupos pacifistas, notadamente ligados aos socialistas e anarquistas apontavam que a guerra era benéfica apenas para elites, fato que era considerado uma atitude derrotista ou de traição pelos governantes, portanto passível de encarceramento.

Além de milhares mortos e feridos, outros tantos soldados voltavam para casa portando doenças emocionais ou mutilados. A população civil enfrentava o racionamento de alimentos, remédios e carvão. Os governantes apelavam para o discurso patriota e o controle da imprensa, entretanto, isso não conteve os motins que

se seguiram. Na França centenas de soldados foram julgados por insubordinação, situação semelhante ocorreu no exército alemão, austríaco, turco, italiano e sérvio. Mas, foi no império russo que o descontentamento social atingiu níveis alarmantes e culminaria com uma revolução de importância mundial.

No ano de 1916 a situação russa piorou e a cada derrota, o sentimento de revolta crescia, as ordens deixavam de ser obedecidas e o número de desertores aumentava. Ao mesmo tempo, a inflação e o preço dos alimentos dispararam, contribuindo para a efervescência política. Em janeiro de 1917 cerca de cento e cinquenta mil trabalhadores saíram às ruas das principais cidades para relembrar o “Domingo Sangrento” considerado o episódio icônico da Revolução de 1905.

Milhares de soldados desmoralizados estavam acantonados na cidade de Petrogrado⁴ à espera de novas ordens. Em fevereiro, eles se solidarizaram com os protestos dos trabalhadores, assim, foram deslocadas tropas fieis ao imperador para abafar qualquer revolta. O resultado foi dezenas de manifestantes mortos, que estimulou ainda mais a revolta popular, recebendo apoio dos marinheiros e soldados que radicalizaram sua postura, não apenas desobedecendo seus oficiais, mas prendendo-os ou matando-os, que produziu uma grande confusão, pois não havia uma direção unificada desses movimentos ou mesmo planejamento central. Era uma revolução que se iniciava em virtude das condições precárias de vida e trabalho da população, assim como os maus tratos aplicados aos soldados.

Quando surgiu o rumor de que oficiais e policiais leais ao governo estariam se organizando como atiradores solitários, os soldados amotinados resolveram fazer sua própria justiça, invadiam os hotéis onde os oficiais estavam alojados, prendendo os que se rendiam e fuzilando de imediato os que se opunham. Para os oficiais franceses e ingleses que se encontravam como adido militar, aquilo era um verdadeiro caos e buscaram refúgio junto às embaixadas.

Soldados, trabalhadores e populares saíram às ruas das grandes cidades gritando: “viva a República”, “abaixo a guerra” e “queremos pão”. Ao imperador, sem apoio da burguesia e com a defecção de frações aristocratas e militares, restou apenas a abdicação. A queda do império surpreendeu até mesmo, revolucionários experientes como Wladimir Lênin que se encontrava exilado. Poucas semanas antes, havia expressado em uma palestra em Zurique:

Nós, os mais velhos, talvez não vivamos para ver as batalhas decisivas dessa revolução futura. Mas posso transmitir com certeza a esperança de que a juventude que está trabalhando tão bem no movimento socialista da Suíça e em todo mundo terá a felicidade de não apenas lutar, mas também de levar a triunfo a revolução proletária futura. (REIS FILHO, 2017, p.115)

O deputado socialista moderado Alexander Kerenski que advogava para vários presos políticos, assistiu estupefato as primeiras ondas dos revoltosos como descreveu em suas memórias. Ao entrar na Duma percebeu que os deputados estavam “perdidos

⁴ São Petersburgo era um nome de origem germânica, fato que levou o imperador a rebatiza-la como Petrogrado (cidade de Pedro) em 1914 em virtude da Guerra Mundial. Durante o governo comunista, mudou em 1924 para Leningrado (cidade de Lênin) e com o fim da União Soviética em 1991 voltou ao nome original São Petersburgo.

e vagando” pelo prédio, ninguém tinha noção exata do que estava ocorrendo. E quando propôs uma sessão de abertura para se debater a situação, foi rejeitado pela maioria, já que havia ordens contrárias do czar e receavam ser acusados de traição.

Com a abdicação de Nicolau II e a recusa de seu irmão em assumir o trono, foi formalmente proclamada a República. Foi constituído um governo provisório sob a chefia do aristocrata liberal, conhecido como príncipe Lvov que recebeu o apoio dos liberais, conservadores e socialistas moderados, estes últimos indicaram Alexander Kerenski como Ministro da Guerra.

Neste período foi criado o conselho (soviete) de Petrogrado, cujo exemplo foi seguido em outras cidades e no campo, para o historiador Marc Ferro (1967) isso, aos poucos significava uma dualidade de poder entre o Estado (Duma) e os soviets, estes tinham por função fiscalizar a ação do governo.

O Governo Provisório adotou medidas democráticas como anistia aos exilados e criminosos políticos, fim da censura e abolição da pena de morte:

1. Anistia plena e imediata de todos os processos políticos e religiosos, incluindo atentados terroristas, insurreições militares, crimes agrários etc.
2. Liberdade de expressão, imprensa, organização, reunião e greve....
3. Abolição de todas restrições relacionadas a classe, culto e nacionalidade.

Os jornais franceses e americanos saudavam o regime republicano instaurado e a população russa observava o retorno dos exilados e a soltura de presos políticos, que rapidamente retomaram as atividades revolucionárias. Objetivando estimular o ardor patriótico foi criado um batalhão feminino para atuar na linha de frente sob o comando de Maria Bochkarev, que acabou não surtindo efeito. Posteriormente, ela tomaria parte na guerra civil contra os bolcheviques.

Em função de crise que se intensificava, Alexandre Kerenski assumiu o cargo de Primeiro Ministro no Governo Provisório em junho, pois acreditava que seu prestígio seria suficiente para manter o país unido. Entretanto, a Revolução de Fevereiro declinava em sua popularidade devido os equívocos cometidos. Dentre eles, podemos considerar o compromisso de continuar a participar da guerra contrariando os anseios da população e dos soldados que estavam cansados do conflito que se arrastava.

O historiador Pierre Broué (2014) destaca que diante desse cenário, Wladimir Lênin já havia anunciado sua famosa “Teses de Abril” publicada no jornal “*Pravda*” onde explicava a tarefa dos proletários e criticava o governo formado por liberais e socialdemocratas por sua atitude belicista. Com o lema “Paz, Pão e Terra”, defendia a saída imediata do conflito, reforma agrária e distribuição de alimentos. Com a crise econômica foi natural que aos poucos os soviets ficassem sob a direção dos partidos que defendiam esses princípios. Assim, os bolcheviques articulados com os anarquistas, mencheviques internacionalistas e socialistas revolucionários de esquerda iriam se aproveitar da debilidade do Governo Provisório, principalmente após uma frustrada tentativa de golpe militar encabeçada pelo general Pietro Kornilov.

Em outubro de 1917 ocorreu a tomada de poder pelos revolucionários liderados por Wladimir Lenin, entretanto, somente depois de uma longa guerra civil seria

estabelecido um governo socialista dirigido exclusivamente pelo Partido Bolchevique (rebatizado como Partido Comunista).

Considerações Finais

Nesse artigo buscamos apresentar para o leitor a partir de ângulos e perspectivas diferentes um resumo histórico e literário sobre as forças políticas e anseios sociais na Rússia do século XIX até as Revoluções em 1917. Merece menção algumas obras produzidas por contemporâneos do efervescente período revolucionário que podem ser encontradas em português, tanto de caráter jornalístico, literário e histórico.

Iniciamos com Leon Trotsky (1879-1940) que ao lado de Wladimir Lênin foi o principal articulador da Revolução de Outubro, cujo trabalho “História da Revolução Russa” retrata o período em questão. O belga Victor Serge (1890-1947) era filho de exilados russos ligados aos populistas. Descrito como um “internacionalista e otimista inveterado” foi durante toda sua vida um militante das causas sociais. Desembarcou na Rússia somente em fevereiro de 1919 e dentre sua vasta produção podemos citar “O ano I da Revolução Russa”, entretanto se desencantou com os rumos trilhados na União Soviética. Situação parecida aconteceu com Nicolai Sukhanov (1882-1940) que era um dos milhares de presos políticos beneficiados com a anistia do Governo Provisório. Ele escreveu o livro “Revolução Russa” em 1922, mas acabou se tornando crítico do regime comunista e desapareceu nos expurgos praticados durante o stalinismo.

A anarquista lituana Emma Goldman (1869-1940) havia emigrado para os EUA em 1885 onde se envolveu na luta pela emancipação feminina e direitos dos trabalhadores. Acusada por participação na elaboração de atos terroristas contra o alistamento militar obrigatório foi detida em 1917 e deportada para a Rússia. Aportou durante a Guerra Civil e colaborou com os bolcheviques, mas acabou rompendo com eles e descreveu suas motivações em “Minha desilusão na Rússia”.

O menchevique de esquerda Julius Martov (1873-1923) era um dos grandes teóricos marxistas, criticou duramente o Governo Provisório e apoiou a radicalização do processo revolucionário, mas acabou discordando de Lênin e no exílio publicou “O Estado e a Revolução Socialista”. Caminho semelhante percorreu o anarquista Nestor Makhno (1888-1934) líder de uma revolução camponesa na Ucrânia que deixou impresso seus dissabores em artigos coletados entre 1925 e 1926. Alexandre Kerensky (1881-1970) o principal ministro no Governo Provisório deixou para posteridade diversas obras como “O prelúdio do bolchevismo” onde descreveu os movimentos que culminaram com a derrubada dos moderados.

O poeta Boris Pasternak (1890-1960) ficaria famoso com o romance “Dr. Jivago” que tem como personagem central um médico apreciador das discussões políticas. Ele reconhecia que a Rússia necessitava de reformas profundas, mas discordava dos caminhos que seguiriam após a implantação do regime Bolchevique, por essa razão, o livro foi censurado na URSS. Um dos personagens Chura Chelzinger sintetiza a percepção do autor durante uma discussão:

Não sei se o povo irá se levantar e como um muro defenderá a revolução, ou se tudo será feito em seu nome(...)também acho que o destino da Rússia é se

tornar o primeiro reino socialista, desde a criação do mundo. Quando isso acontecer, ficaremos ensurdecidos por muito tempo, e quando acordarmos, não recobramos nem a metade de nossa memória perdida. Vamos ter esquecido o que aconteceu no passado e não vamos tentar explicar o impossível... (PASTERNAK, 2002, p.163-164)

Finalmente, um dos livros mais célebres sobre a Revolução de Outubro foi do jornalista americano John Reed (1887-1920). Era militante socialista e conhecido por seus artigos sobre a Revolução Mexicana e o massacre de mineiros grevistas em Ludlow (EUA) pela Guarda Nacional. Foi correspondente na Grande Guerra e quando eclodiu a Revolução Russa conseguiu apoio do jornal *"The Masses"* para cobrir os eventos, desembarcando em agosto de 1917 com sua esposa Louise Bryant. Eles assistiram toda movimentação que culminaria com a Revolução de Outubro que foi descrita no livro *"Os 10 dias que abalaram o mundo"*. A jornalista e ativista Louise Bryant (1885-1936) abordou o tema e entrevistou revolucionários de diversas matrizes intelectuais que foi publicado em *"Seis vermelhos meses na Rússia"*.

No prefácio da obra em 1919, John Reed que faleceu pouco depois na Rússia, onde seria enterrado como "herói", deixou claro sua admiração pelos bolcheviques:

Passado um ano de governo soviético, ainda é moda falar da insurreição bolchevique como uma aventura. Certamente foi uma aventura, e uma das mais maravilhosas em que a humanidade já embarcou (...) qualquer que seja a opinião a respeito do bolchevismo...é inegável que a Revolução Russa constitui um dos grandes acontecimentos da humanidade. (REED, 1990, p.19)

Existem dezenas de livros escritos por aristocratas que se exilaram e intelectuais pertencentes às várias nacionalidades que até então compunham o império russo que nos fornecem outras percepções, mas dificilmente encontramos traduzidos para o português.

Bibliografia

- BEER, Daniel. O exílio na Sibéria sob os Romanov. São Paulo. Cia das Letras, 2018.
- BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar. São Paulo. Cia das Letras, 1987.
- BROUÉ, Pierre. Os Bolcheviques. São Paulo. Editora Sunderman, 2014.
- FERRO, Marc. A Revolução Russa de 1917. São Paulo. Editora Perspectiva, 1967.
- FIGES, Orlando. Uma história cultural da Rússia. Rio de Janeiro. Record, 2017.
- GOGOL, Nikolai. O capote e outras histórias. São Paulo. Editora 34, 2010
- GOGOL, Nikolai. O inspetor geral. São Paulo. Editora Peixoto Neto, 2007
- GORKI, Máximo. Ganhando meu pão. Porto Alegre. Mercado Aberto, 1999.
- PASTERNAK, Boris. Dr. Jivago. Rio de Janeiro. Record, 2002.
- PUSHKIN, Aleksanser. O tiro. In: Contos de Belkin. São Paulo. Nova Alexandria, 2003
- REED, John. Os 10 dias que abalaram o mundo. São Paulo. Cia das Letras, 1990.
- REIS Filho, Daniel Aarão. Escritos vermelhos. São Paulo. Penguin\ Companhia das Letras, 2017

REMARQUE, Erich Maria. Nada de novo no front. Rio de Janeiro. Edit.Record\ALTAYA, 1994.

SEGRILLO, Angelo. Os russos. São Paulo. Editora Companhia das Letras, 2010.

TCHEKHOV, Anton. Ilha Sacalina. Lisboa. Editora Relógio D'Água, 2012.

TCHEKHOV, Anton. Os mujiques. In: O assassinato e outras histórias. São Paulo. Editora Cosacnaify, 2002.

TOLSTOI, Leon. Depois do baile. In: BELINKY, Tatiana (org.) Salada Russa. São Paulo. Editora Paulus, 1988.

TOLSTOI, Leon. khadij Murat. São Paulo. Editora Cosacnaify. 2012.

TOLSTOI, Leon. Senhor e servo. E outras histórias. Porto Alegre. LPM Pocket, 1994.

TROTSKI, Leon. História da Revolução Russa (V1). Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1977.